



ANÁLISE MORFOLÓGICA: MUSEU GUGGENHEIM DE BILBAO

LINHARES, Bruna Rebellato.¹
MENEGHEL, Isabella De Camargo Penteado.²
SAKIYAMA, Leticia Naomi Vendrame.³
TEIXEIRA, Julia Granzotto Borges.⁴
OLDONI, Sirlei Maria.⁵

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar e compreender os aspectos formais da obra do Museu Guggenheim de Bilbao de Frank Gehry, por meio de pesquisas bibliográficas e estudo de caso. Serviram de base para esta análise os aspectos de análise morfológica defendidos por Carlos Antônio Leite Brandão, que englobam aspectos formais, como por exemplo, o que foi constatado na análise: a relação da obra com o ambiente, a incidência heterogênea da luz, sua composição formal por uma soma de células e suas linhas plásticas. O estudo desta obra foi necessário para um melhor entendimento da sua morfologia, tendo em vista que ela é uma obra diferenciada, atrativa e impactante na região onde está inserida.

PALAVRAS-CHAVE: Museu de Bilbao, Frank Gehry, Análise morfológica, Arquitetura Contemporânea.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou o assunto teoria da arquitetura no tema análise morfológica de obra arquitetônica contemporânea. Justificou-se o presente trabalho pois ela se diferencia das demais por ser uma obra atrativa e impactante na região onde está inserida, além de englobar um grande leque de interpretações no que diz respeito a sua morfologia.

O problema da pesquisa foi indagar quais os aspectos formais do Museu Guggenheim de Bilbao de Frank Gehry podem ser analisados por meio de uma análise morfológica segundo conceitos compilados por Carlos Brandão.

Intencionando a resposta ao problema da pesquisa, foi elaborado o seguinte objetivo geral: Compreender os aspectos formais do Museu Guggenheim de Bilbao de Frank Gehry. Para o atingimento desse objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos: a) Conceituar morfologia; b) Compreender sobre o arquiteto Frank Gehry; c) Pesquisar sobre a obra

¹ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: burlinhares@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: isa.meneghel@outlook.com

³ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: lnaomi@outlook.com

⁴ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: juliagranzottoborges@outlook.com

⁵ Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

arquitetônica Museu Guggenheim de Bilbao; d) Analisar a morfologia do Museu Guggenheim de Bilbao.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MORFOLOGIA ARQUITETÔNICA

Morfologia é um termo que significa estudo da forma, da composição e aparência, e esse estudo pode ser realizado em todas as áreas do conhecimento (PORTAL SÃO FRANCISCO, [20--]). Sendo assim, na arquitetura, o estudo morfológico procura compreender a forma do objeto arquitetônico e isso envolve ir além do entendimento de como o programa e a função foi resolvido pela forma arquitetônica (BRANDÃO, 1999).

Sobre a análise morfológica utilizada no presente trabalho, Brandão (1999) conceitua que:

A abordagem morfológica procura compreender a forma do objetivo arquitetônico. Essa compreensão da forma não é a mera descrição que costumamos ler em revistas de arquitetura e decoração destinadas ao grande público ou mesmo de circulação mais restrita. Ela procura a ordem das formas existentes na obra, mesmo as formas do seu vazio ou dos sistemas, técnicas e matéria construtivos de arquitetura se forem esses os objetivos preferenciais de seu enfoque; as sensações que o observador delas têm tais como as de peso ou leveza, ou as tensões e movimentos suscitados; ou aborda ainda a relação entre as estruturas perspectivas e a estrutura formal observada, tal como na Gestalt (BRANDÃO, 1999, p.21-2).

2.2 FRANK GEHRY

Ganhador do Pritzker em 1989, Frank Gehry é um famoso arquiteto, considerado uma celebridade Internacional. Ele nasceu em Toronto, no Canadá, mas se mudou ainda jovem para Los Angeles onde iniciou seus estudos na Universidade Southern Califórnia no curso de artes plásticas, mais tarde foi apresentado ao curso de arquitetura por um professor e começou a cursá-lo também;



Por isso ele cria uma ponte entre a arquitetura e as artes, mas seus projetos não são arte pura e sim algo funcional (STUNGO, 2000).

Gehry é conhecido pelo uso de formas pós-modernas, bem ousadas e com materiais incomuns, ele se tornou um dos arquitetos mais aclamados do século XX, um arquiteto que sempre desafiou o senso comum. Ser uma pessoa cheia de conflitos é uma das coisas que o torna tão interessante (BARATTO, 2017).

De acordo com Strungo (2000), o estilo de Gehry é o iconoclástico, uma representação radical do que pode ser a arquitetura. Rego (2001) explica que ele é um arquiteto de exterior, direcionando as forças das suas obras para a superfície, transmitindo sensações através de efeitos promovidos pelas formas, materiais, cores e texturas. Em complemento, Strungo (2000) diz que esse arquiteto não desenha edifícios bonitinhos ou suaves, mas sim algo bem mais rude, para expressar a realidade da vida das pessoas.

2.3. MUSEU GUGGENHEIM DE BILBAO

De acordo com Pagnotta (2016), o Poder Público da cidade de Bilbao na Espanha, propôs a ideia da implantação de um museu a ser construído na área degradada da cidade, introduzindo o projeto no Plano Estratégico de Revitalização Metropolitana. A intenção projetual foi recuperar e urbanizar as margens do Rio Nervión além de impulsionar a questão socioeconômica da cidade, causando o “Efeito Bilbao”. Segundo o site do Museu de Bilbao, em outubro de 1994, a estrutura do museu começa a surgir, e em outubro de 1997 ela é concluída e o museu é inaugurado. Pagnotta (2016), afirma que após 1997, a atração turística da cidade passou a acolher visitantes do mundo todo (SITE GUGGENHEIM BILBAO, 2016).

Atualmente a execução de obras para a valorização de determinados locais é comum. Para isso é necessário que a sofisticação e a exuberância formal sejam retratadas, para que essas sejam habilitadas a valorizar o local (ARANTES, 2008).

A obra do museu, apresentada na figura 01, foi feita pelo arquiteto Frank Gehry e seu escritório Gehry Partners, ela é composta por placas de titânio, moldadas para a construção. O

programa a ser atendido foi disposto por 11.000 metros quadrados e dezenove galerias destinadas às exposições (PAGNOTTA, 2016).

Figura 01: Museu Guggenheim de Bilbao



Fonte: ArchDaily

Gehry elaborou a obra conceituando-a na afirmação da arte moderna e contemporânea, a qual apresenta diversas perspectivas diferenciadas, investigando no indivíduo, a apreciação por essa arte peculiar e emblemática (SITE GUGGENHEIM BILBAO, 2016).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho de teoria da arquitetura, em seu encaminhamento metodológico, compreende uma pesquisa bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (1992), pesquisa bibliográfica é fazer um levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Ela faz com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, o auxiliando na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Já para Ruiz (2002), qualquer espécie de pesquisa, independente da área, já é por si só uma pesquisa bibliográfica. Ela é utilizada para justificar os objetivos e contribuir com a própria pesquisa.

E ainda um estudo de caso, que segundo Cortez (2007), é uma pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular. Para ele a coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que as pesquisas de campo em geral, o caso escolhido para pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas autorizando inferência.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O projeto desenhou uma arquitetura bem entrosada com seu entorno, pois se articula com as margens do rio e com o desnível entre o leito e o bairro onde está inserido (REGO, 2001), como visto na figura 02. O edifício faz alusão às paisagens, o hall de entrada e a passagem estreita recordam um desfiladeiro ou o uso de caminhos curvos e elementos de água fazendo referência ao Rio Nervión (PAGNOTTA, 2016).

Figura 02: Relação da obra com seu entorno.



Fonte: ArchDaily

Pagnotta (2016) afirma que há uma conexão física da obra com a cidade e isso se dá através da uma estrada, uma ferrovia e uma ponte de concreto que estão nas extremidades do terreno em que a obra está inserida. A edificação é moldada ao redor da ponte de La Salve criando um passeio fluvial e conformando uma nova praça pública.

Apesar da forma da obra lembrar uma flor, vista de seu topo, se analisado em nível baixo, o monumento parece um barco. Essa associação tem a função de representar o passado industrial e portuário de Bilbao. Sua forma e seu material foram projetados para que a obra seja capaz de apreender a iluminação natural e reagir conforme o tempo esteja. Dessa forma, a obra tem a potência de manter a comunicação com as pessoas e o cotidiano, eliminando estaticidade e frieza (PAGNOTTA, 2016).

O revestimento da obra em titânio faz alusão à região siderúrgica da cidade de Bilbao. Esse acabamento reflete a luz do sol, fazendo referência ao clima seco da região (STRUNGO, 2000).

- Ao analisar a incidência da luz na obra, nota-se uma relação heterogênea de absorção de luz.

A luz solar incide na obra de forma heterogênea através dos contrastes entre os diferentes ângulos dos panos de vidro (REGO, 2001). Além disso, as curvas de seu exterior são projetadas para captar a luz e reagir ao sol e ao tempo. Suas pequenas deformações foram criadas em seu revestimento de titânio, fazendo com que a superfície pareça ondular com a alteração da luz, lembrando uma escama de peixe e dando uma cor única e peculiar para a composição total do edifício (PAGNOTTA, 2011). A figura a seguir (03) mostra essas características.

Figura 03: Cor, deformidade e panos de vidro.



Fonte: Site Guggenheim Bilbao

- Pode-se dizer que a forma geral do Museu é uma soma de células.

Na visão de Rego (2001), a forma da obra foi criada a partir da sobreposição e articulação de partes de um volume fragmentado, deformado, e deslocado, além de apresentar formas irregulares e aparentemente aleatórias. Portanto, pode-se dizer que a forma arquitetônica se dá por um aglomerado de fragmentos que não expressam utilidade, sentido ou organização.

- As curvas do museu caracterizam sua forma plástica.

O museu caracteriza o rompimento com as formas lineares até então predominantes.

Gehry só descobriu a arquitetura após estudar artes plásticas. A influência desse estudo em sua vida foi determinante para o resultado de suas formas, que em sua maioria expressam a forma plástica como identidade.

No conjunto, de acordo com Rego (2001) fica evidente o interesse do arquiteto pelo valor plástico das formas livres, marcados através das formas curvas das escamas de titânio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou como objetivo compreender os aspectos formais do Museu Guggenheim de Bilbao de Frank Gehry. A análise se deu a partir do estudo da obra seguindo a sistematização dos aspectos defendidos por Brandão (1999). Percebeu-se então, analisado a morfologia da edificação que: sua forma se articula com o ambiente em que está inserida, além de ser considerada plástica e uma soma de células, assim como notou-se que a luz incide na obra de forma heterogênea.

No decorrer do trabalho, a se analisar o embasamento teórico obtido, constatou-se que é característica das obras do arquiteto Frank Gehry o uso de formas ousadas e o emprego de materiais incomuns, transmitindo sensações através dos efeitos promovidos. Para a elaboração do Museu, Gehry baseou-se na afirmação da arte moderna e contemporânea, a qual apresenta diversas perspectivas diferenciadas, estimulando no indivíduo a apreciação por essa arte peculiar e emblemática.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. F. **O grau zero da arquitetura na era financeira**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n80/a12n80.pdf>> Acessado em: 28 mar. 2017.

BARATTO, R. **Em foco: Frank Gehry**. 2017. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-179571/feliz-aniversario-frank-gehry>>. Acessado em: 28 mar. 2017.

BRANDÃO, C. A. L. Os modos do discurso da teoria da arquitetura. In: **Crítica na arquitetura: V encontro de teoria e história da arquitetura**. Porto Alegre: Faculdades integradas Ritter dos Reis, 1999.

FAG. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. Cascavel: FAG, 2015. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/upload/graduacao/tcc_arquivos/5849d1fbad038.pdf>

GUGGENHEIM BILBAO. 2016. Disponível em: <<http://www.guggenheim-bilbao-corp.eus/guggenheim-bilbao/mision-vision-valores/>>. Acessado em: 28 mar. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

PAGNOTTA, B. **Clássicos da arquitetura: Museu Guggenheim de Bilbao/ Gehry Partners**. 2016. Tradução Eduardo Souza. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786175/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-de-bilbao-gehry-partners>> Acessado em: 28 de março de 2017.

REGO, R. L. **Guggenheim Bilbao Museo, Frank O. Gehry**, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/867>> Acessado em: 28 mar. 2017.

RUIZ, J.; Á. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.



STUNGO, N. **Frank Gehry**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2000.